

Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Methodológicos de Pesquisa

Luis Ricardo Fernandes da Costa
(Organizador)



Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Metodológicas de Pesquisa

Luis Ricardo Fernandes da Costa
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Luis Ricardo Fernandes da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa / Organizador Luis Ricardo Fernandes da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-598-3

DOI 10.22533/at.ed.983202511

1. Arqueologia. 2. Pesquisa. I. Costa, Luis Ricardo Fernandes da (Organizador). II. Título.

CDD 930.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

É com muito prazer que apresentamos a obra “Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Metodológicas de Pesquisa”, que apresenta uma série de quatro artigos que abrem o debate em torno da temática envolvendo estudos acerca da Arqueologia na América do Sul.

A abertura do livro, com o capítulo “Cerámicas y metalurgia: complementariedad, competencia, simbología y valores”, apresenta excelente contribuição para o entendimento da produção de cerâmica artesanal e seus impactos na cultura local.

No capítulo 2 “La cerámica como línea matriz en la determinación de la secuencia cultural de la prehistoria de San Pedro de Atacama” descreve o processo pelo qual os arqueólogos estruturaram a sequência cultural do Período Agroalfarero de San Pedro de Atacama.

No capítulo 3 “Los textiles de la costa del Desierto de Atacama: estilo, función y circulación (500 cal. Ac-700 dc)” é apresentado uma pesquisa que analisa tecidos de cemitérios da foz do rio Loa, norte do Chile, pertencentes a caçadores-coletores marinhos.

Para o encerramento da presente obra, o leitor(a) é contemplado com importante contribuição intitulada “Repensando la coexistencia de gallinazo y mochica: desde una dicotomía básica hasta una clasificación fuzzy” onde apresenta dados recuperados em escavações recentes e na aplicação de técnicas emprestadas das ciências computacionais e geográficas.

Dessa forma, a coleção de artigos com ênfase em estudos na América do Sul são porta de entrada para discussões acerca da Arqueologia e seu papel integrador nas geociências.

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CERÁMICAS Y METALURGIA: COMPLEMENTARIEDAD, COMPETENCIA, SIMBOLOGÍA Y VALORES <i>Izumi Shimada</i> DOI 10.22533/at.ed.9832025111	
CAPÍTULO 2	14
LA CERÁMICA COMO LÍNEA MATRÍZ EN LA DETERMINACIÓN DE LA SECUENCIA CULTURAL DE LA PREHISTORIA DE SAN PEDRO DE ATACAMA <i>Agustín Llagostera Martínez</i> DOI 10.22533/at.ed.9832025112	
CAPÍTULO 3	32
LOS TEXTILES DE LA COSTA DEL DESIERTO DE ATACAMA: ESTILO, FUNCION Y CIRCULACIÓN (500 CAL. AC-700 DC) <i>Carole Sinclair Aguirre</i> DOI 10.22533/at.ed.9832025113	
CAPÍTULO 4	51
REPENSANDO LA COEXISTENCIA DE GALLINAZO Y MOCHICA: DESDE UNA DICOTOMÍA BÁSICA HASTA UNA CLASIFICACIÓN FUZZY <i>Kayeleigh Sharp</i> DOI 10.22533/at.ed.9832025114	
SOBRE O ORGANIZADOR	65
ÍNDICE REMISSIVO	66

CAPÍTULO 2

LA CERÁMICA COMO LÍNEA MATRÍZ EN LA DETERMINACIÓN DE LA SECUENCIA CULTURAL DE LA PREHISTORIA DE SAN PEDRO DE ATACAMA

Data de aceite: 24/11/2020

Data de submissão: 11/09/2020

Agustín Llagostera Martínez

Antofagasta, Chile

<https://orcid.org/0000-0002-9502-8350>

RESUMEN: Se describe el proceso a través del cual los arqueólogos han estructurado progresivamente la secuencia cultural del Período Agroalfarero de San Pedro de Atacama, soportada principalmente por los contextos ceramológicos. Gustavo Le Paige (1963, 1964 y 1965) y Mario Orellana (1963) fueron los primeros en proponer secuencias, basándose en el conocimiento que en esos momentos se tenía sobre los indicadores ceramológicos. El primero propuso siete “niveles” en tanto, el segundo, consideró tres “facies”. Posteriormente, Tarragó (1968, 1976) formuló una nueva secuencia de ocho “series” o “fases”. Más tarde, Berenguer y colaboradores (1986) contrastaron la secuencia de Tarragó con fechas de termoluminiscencia, llegando a la conclusión que la secuencia de Tarragó era correcta. Propusieron sustituir la denominación de fases por una basada en “sitio-tipos”. Tarragó, en su Tesis de Doctorado (1989), incorporó los aportes y recomendaciones de Berenguer et al. (1986), convirtiéndose esta en la propuesta que sigue vigente hasta hoy. Se expone nuevos aportes que han permitido afinar la secuencia de San Pedro de Atacama, estableciendo una matriz tipológica de la cerámica para cada una de las fases (Llagostera 2016, 2020). A través del

reordenamiento de los contextos alfareros de las tumbas se organizó la diversidad de vasijas en una tipología y, de acuerdo a la alta frecuencia de determinados tipos y a la ausencia o baja presencia de otros, se define sus asociaciones. Estas asociaciones permitieron finalmente disponer de una matriz que ayudó a determinar en detalle la composición ceramológica de cada una de las fases. Con la proyección de esta matriz a los cementerios arqueológicos de San Pedro de Atacama se ha podido determinar y segregar las fases por las que han transitado las comunidades responsables de estos repositorios funerarios.

PALABRAS CLAVES: Prehistoria, Periodificación cultural, Norte de Chile, Cerámica.

CERAMICS AS THE PRIMARY EVIDENTIARY LINE FOR DETERMINING CULTURAL SEQUENCES IN SAN PEDRO DE ATACAMA'S PREHISTORY

ABSTRACT: In this paper we describe the process through which archaeologists, guided primarily by ceramic contexts, have progressively structured the cultural sequence of Pedro de San Atacama's Agroalfarero Period. Gustavo Le Paige (1963, 1964 and 1965) and Mario Orellana (1963) were the first to propose sequences; these were based on ceramic indicators and the known archaeological context at the time. Le Paige proposed seven “levels”, while Orellana considered three temporal “facies”. This work was followed by, Berenguer and colleagues (1986) contrasted Tarragó's sequence with Tarragó (1968, 1976), who formulated a new sequence

of eight “series” or “phases”. Subsequently then newly derived thermoluminescence dates, ultimately supporting the sequence proposed by Tarragó. They argued for a change in the naming of phases to one based specifically on “type sites”. Tarragó in her PhD Thesis (1989) went on to incorporate the contributions and recommendations of Berenguer and colleagues (1986), solidifying the sequence that is in use to this day. We go on to detail new contributions that have allowed us to refine the chronological sequence by establishing a typological schema for ceramics in each of the proposed phases (Llagostera 2016, 2020). Through a consideration of pottery in the mortuary context, the broad diversity of vessels was then organized into a typology and, given the high frequency of certain types and the absence or low presence of others, their associations were defined. These associations allow for the development of a matrix that helped determine the ceramic composition of each phase in greater detail. With the projection of this matrix to the broader context of archaeological cemeteries in San Pedro de Atacama, it is possible to determine and segregate the phases through which the different communities responsible for these mortuary spaces passed.

KEYWORDS: Prehistory, Cultural period, North of Chile, Pottery.

1 | ANTECEDENTES

San Pedro de Atacama se ubica en la Región de Antofagasta (Norte de Chile) en el sector de la precordillera donde el Desierto de Atacama se junta con la Cordillera de los Andes, inserto al borde del Salar de Atacama (Figura 1). La instalación humana en esta localidad data de alrededor de 12.000 años, habiendo transitado desde cazadores-recolectores hacia las etapas más complejas de aldeanos sustentados en la agricultura y en el pastoreo de camélidos. Las condiciones de aridez del desierto permitieron que los restos arqueológicos de estas comunidades precolombinas se conserven en muy buenas condiciones, haciendo posible que el sacerdote Gustavo Le Paige s.j. fundara un museo en la localidad, logrando reunir un numeroso e importante acervo arqueológico, producto de sus propias excavaciones en los cementerios de la localidad. Entre los materiales del Museo, dependiente de la Universidad Católica del Norte, destaca la colección de alfarería con cerca de 5.000 ejemplares de distintas épocas. Por ser estos los materiales mayormente persistentes en los contextos funerarios, los arqueólogos han utilizado la cerámica como pauta matriz para definir la secuencia del desarrollo cultural del Período Agroalfarero de San Pedro de Atacama. Tarragó, quien ha tenido importante participación sobre este tema en esta localidad, señala que la cerámica “actúa como un indicador de cambio cultural de gran sensibilidad tanto en el eje vertical cronológico como en la diferenciación espacial” (Tarragó 1989:35).

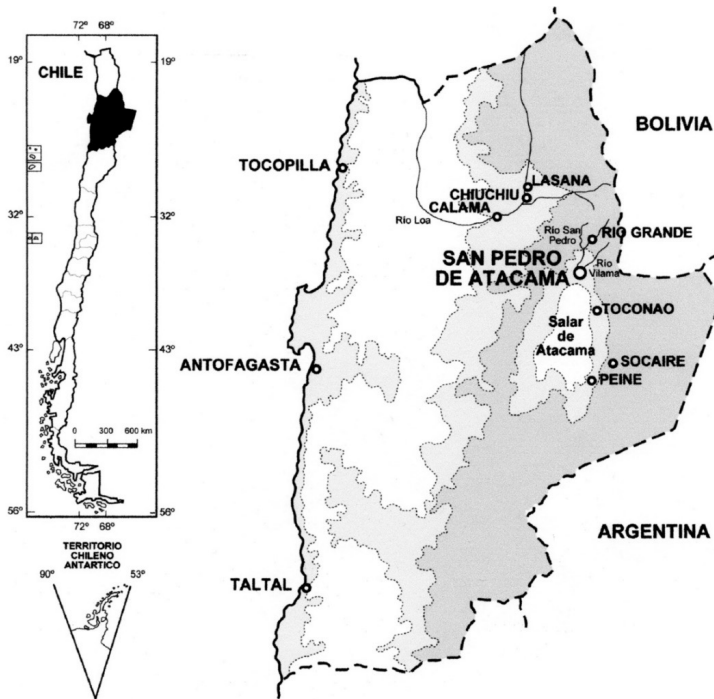


Figura 1. Ubicación de San Pedro de Atacama en la Región de Antofagasta, Norte de Chile

Le Paige (1963) y Orellana (1963) propusieron las primeras secuencias para el Período Agroalfarero de San Pedro de Atacama, basándose en los materiales funerarios excavados por el primero. Le Paige (1963: 196-197) propuso una secuencia de siete fases que él llamó “niveles”.

Nivel 1 (más antiguo). Cerámica globular roja pulida y negra antropomorfa de gollete cónico y largas pipas de greda.

Nivel 2. Cerámica roja pulida en vasos altos con asa; negra incisa, colorada incisa con asa, negra pulida, roja incisa. Contextos: tabletas para rapé, tembetá, gorro de piel, oro, pipa y cerámica roja globular del Nivel 1.

Nivel 3. Tiwanaku con cerámica negra pulida, negra incisa y globular roja.

Nivel 4. Cerámica negra pulida incisa. Desaparece la roja globular.

Nivel 5. Preinkaico. Alfarería burda roja y negra. Ica y Huruquilla.

Nivel 6. Cerámica “concho de vino” con sepultación en urnas. Asociada a Chilpe y, a veces, a Huruquilla.

Nivel 7. Inka.

Posteriormente Le Paige (1964, 1965) segregó una nueva fase a base de la

cerámica a la que llamó “negra casi pulida” y que, de acuerdo a su propio análisis, debería ubicarse entre el Nivel 4 y el Nivel 5.

Por su parte, Orellana (1963) deslindó tres “facies” para el período en cuestión, siendo difícil correlacionar en detalle, los contextos de su secuencia con los de la secuencia de Le Paige. Orellana tiene el mérito de haber intentado enmarcar la secuencia de San Pedro de Atacama en un cuadro cronológico.

Facie I. Urnas de Solo 6 y, fundamentalmente, Cerámica San Pedro Rojo Pulido. Hacia fines de esta facie se asocia con San Pedro Negro Pulido y también San Pedro Inciso Negro y Rojo. El comienzo de la facie se ubicaría hacia el 500 d.C. (reconociendo que podría ser más antigua: 300 d.C.).

Facie II. Cerámica San Pedro Negro Pulido, San Pedro Inciso, diferentes tipos polícromos, especialmente negro sobre crema, algunos en forma de kero. Tabletas de rapé de mango plano en abanico decorado, zoomorfos y antropomorfos, gorros de piel de camélidos, tejidos y cestería con dibujos geométricos. Esta facie es indudablemente contemporánea con el período Tiwanaku Expansivo pudiendo ser ubicada entre 800 y el 1.200 d.C.

Facie III. Alfarería Roja Violácea, posiblemente contemporánea con los últimos ejemplares de la cerámica San Pedro Negra Pulida a comienzos de la facie y contemporánea con la cerámica incásica a fines de esta (1.200 – 1.500 d.C.).

Hasta el momento, es Tarragó (1968) quien ha formulado la última secuencia para San Pedro de Atacama considerando, inicialmente, ocho “series”, las que posteriormente denominó “fases”, asignándoles algunos hitos cronológicos estimativos (Tarragó 1976). La autora estableció su secuencia de acuerdo a la frecuencia de aparición y formas de asociación de la cerámica.

Fase I. Cerámica ordinaria. Urnas de base cónica de Solo 6 (serie hipotética a la espera de mayor cantidad de datos).

Fase II. San Pedro Rojo Pulido, formulada a base de seis tumbas y a las vasijas de Larrache, que carecen de datos de asociaciones de tumbas y se encuentran en un terreno afectado por aluviones; no resulta confiable, aunque existen indicios a su favor.

Fase III. Grupo de tumbas con San Pedro Rojo Pulido y/o Negro Pulido, urnas de base cónica o sin diferenciar y elementos asociados. Comienzo de la influencia Tiwanaku.

Fase IV. Grupo de tumbas con San Pedro Negro Pulido, Negro y Rojo Grabado y Tiwanaku puro con sus asociaciones.

Fase V. Grupo de tumbas con San Pedro Negro en disminución, San Pedro Negro y Rojo Grabado, Gris Pulido Grueso y Tiwanaku Transformado.

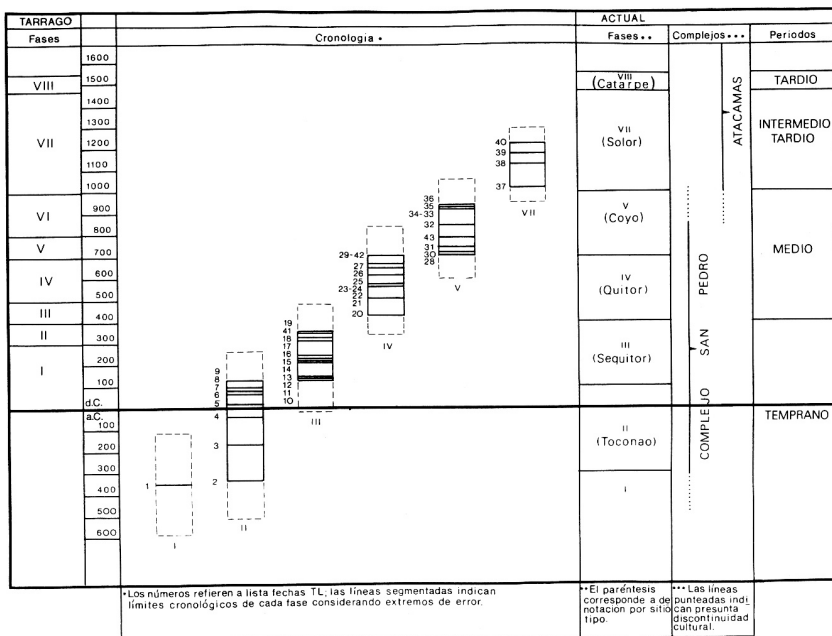
Fase VI. Grupo de tumbas sin cerámica o con cerámica alisada. Últimos

momentos del influjo de la tradición Tiwanaku. Desaparición de todos los tipos anteriores.

Fase VII. Grupo de tumbas sin cerámica o con escudillas alisadas y/o “concho de vino”.

Fase VIII. Grupo de tumbas con materiales inkaicos.

Posteriormente, Berenguer y colaboradores (1986), se ocupan del tema debido a que, a 30 años de los comienzos de la investigación de Le Paige, hay algunos problemas básicos que son críticos en la arqueología del salar. De todos ellos, quizás uno de los más importantes es el relativo a la cronología y secuencia del “Estadio Cerámico”. Para aportar en este aspecto procedieron a fechar por termoluminiscencia cerámicas representativas de las ocho fases propuestas por Tarragó, obteniendo una cronología respaldada por fechados absolutos. Al respecto, comentan que, de acuerdo al test por TL, la secuencia de Tarragó para el estadio Cerámico de San Pedro de Atacama es correcta, particularmente en las características ceramográficas de las fases segregadas y en la posición relativa de ellas. Como recomendación sugieren sustituir la denominación de fases por una basada en “sitio-tipos”, tal como se aprecia en el cuadro adjunto (Cuadro 1).



Cuadro 1. Cronología y secuencia del desarrollo cultural para San Pedro de Atacama propuesta por Berenguer et al (1986)

En su Tesis de Doctorado Tarragó (1989) incorporó los aportes y recomendaciones de Berenguer y colaboradores, entre ellas, la de nominar las fases de acuerdo a “sitios-tipos” que se ajusten a sus características: Fase I = (fase hipotética) Fase II = Fase Toconao, Fase III = Fase Séquitor, Fase IV = Fase Quitor, Fase V = Fase Coyo, Fase VI = Fase Yaye, Fase VII = Fase Solor, Fase VIII = Fase Catarpe Inka.

2 I NUEVO APORTE A LA MATRIZ CERAMOLÓGICA

Llagostera (2016, 2020) aplicó una metodología que consideró el análisis de la integridad de los contextos alfareros funerarios de cementerios de San Pedro de Atacama, lo que permitió disponer de una matriz para determinar en detalle la composición ceramológica de cada una de las fases. Para esto procedió a reconstruir los contextos alfareros de numerosas tumbas de cementerios del Período Agroalfarero de la localidad; luego, a cada tiesto del contexto de cada unidad funeraria se le asignó el tipo correspondiente de acuerdo a la tipología expuesta más adelante. Una vez traducidos los contextos a su versión tipológica, se procedió a segregarlos en asociaciones de acuerdo a los tipos coincidentes, siendo cada grupo representativo de una fase.

Esto permitió disponer de una matriz de análisis comparativo para ser aplicado al conjunto de tumbas y, así mismo, proyectarla a los cementerios arqueológicos de San Pedro de Atacama pudiéndose determinar y segregarse las fases por las que han transitado las comunidades responsables de estos repositorios funerarios.

3 I TIPOLOGÍA CERAMOLÓGICA

A través del reordenamiento de los contextos alfareros de las tumbas, se organizó la diversidad de vasijas en una tipología seleccionando aquellas tumbas que daban la mayor confiabilidad en su composición, desechándose las tumbas múltiples, las que podrían estar contaminadas por mezcla de fases. Condición primordial fue que cada tipo debía contar con más de un ejemplar con similares atributos para ser considerado como un tipo. En los casos en que aparece solo un ejemplar este ha sido considerado como atípico.

Tipo 1 (Figura 4d). Vasos cilíndricos altos de base plana y con dos pequeñas asas amamelonadas horizontales o verticales.

Tipo 2 (Figura 2e). Vasos cilíndricos altos de base plana, con un asa cintiforme vertical.

Tipo 3 (Figuras 7a-c). Vasos subcilíndricos altos de paredes convergentes hacia la boca, base plana, con pequeñas asas horizontales o verticales. En

el caso de las asas verticales estas pueden representar esquemáticamente la figura de un animal.

Tipo 4 (Figuras 3h-i). Vasos bajos abiertos, troncocónicos invertidos con ancho mayor que alto, base plana o levemente convexa, dos asas horizontales cintiformes ubicadas en la parte media de la pieza.

Tipo 5 (Figura 3j). Vasos abiertos en forma de cono invertido, de altura igual o levemente menor que el ancho, dos pequeñas asas horizontales amamelonadas ubicadas en la proximidad del borde.

Tipo 6 (Figuras 9c-d). Vasos abiertos, troncocónicos invertidos con el tercio superior levemente evertido, base convexa, sin asas o con dos insinuaciones en el labio.

Tipo 7 (Figuras 4e-f). Vasos altos abiertos, troncocónicos invertidos, base plana o levemente convexa, dos asitas horizontales o verticales; estas últimas pueden tener un formato zoomorfo.

Tipo 8 (Figuras 2g-h y 4g). Escudillas abiertas de sección hemiesférica, base levemente convexa o plana, dos asitas verticales u horizontales en el borde, las que pueden estar perforadas o no.

Tipo 9 (Figuras 2a-b). Escudillas abiertas de sección hemiesférica con variación en su profundidad, base levemente convexa o plana, sin asas.

Tipo 10 (Figuras 9e-f)). Escudillas hemiesféricas o hemielípticas expandidas, base convexa con mayor o menor pronunciamiento.

Tipo 11 (Figura 3f). Vasijas cerradas esferoidales, de base plana, pudiendo esta ser pronunciada a través de una leve inflexión, bordes con leve inflexión o sin ella, dos asas labio adheridas verticales y perforadas que sobresalen del reborde.

Tipo 12 (Figura 2f y 7e). Escudillas abiertas o levemente cerradas, simples, sección hemiesférica, base convexa, dos asitas horizontales que se proyectan desde el labio, las que pueden presentar incisiones circulares o alargadas en número de uno o más.

Tipo 13 (Figuras 4a-c). Vasijas levemente cerradas de cuerpo hemiesférico, base convexa o semi plana, borde diferenciado o no, asas amamelonadas horizontales o verticales preferentemente de inserción en el tercio superior del cuerpo.

Tipo 14 (Figura 9b). Vasijas cerradas ovoides, base convexa sin diferenciación del cuerpo, borde levemente diferenciado. Con una variante de dos mamelones verticales de inserción baja a modo de asas.

Tipo 15 (Figura 9a). Vasijas cerradas ovoides, base convexa sin diferenciación del cuerpo, con cuello cilíndrico de menor o mayor proyección y sin asas.

Tipo 16 (Figura 7d). Escudillas abiertas, simples, sección elipsoidal expandida,

labio evertido, base convexa, dos asitas horizontales en la porción mesial.

Tipo 17 (Figuras 2c-d). Vasijas levemente cerradas, sección sub-elipsoidal, base convexa, cierto pronunciamiento en la curvatura entre la base y el cuerpo, dos asitas horizontales a mitad del cuerpo o en la proximidad del borde.

Tipo 18 (Figuras 7f-g). Vasijas cerradas, simples, sección elipsoide, base convexa, labio evertido, dos asas amamelonadas en la parte mesial del cuerpo las que pueden ser horizontales o verticales.

Tipo 19 (Figuras 7h-j). Vasijas cerradas, base levemente cóncava pero bastante bien diferenciada por acentuada inflexión, borde marcadamente evertido, asas verticales amamelonadas ubicadas en la parte media o baja del cuerpo. Algunos ejemplares presentan representaciones de rostros que remedan aquellos del Tipo 23.

Tipo 20 (Figura 3g y 4i). Vasijas cerradas de cuerpo en forma de ovoides, cuello de paredes rectas o cóncavas, troncocónicas aunque algunas derivan a base convexa, dos asas verticales con un extremo labio adheridas. Algunas de tamaño grande (80 y 50 cm), otras más pequeñas (35 y 25 cm).

Tipo 21 (Figuras 5 y 6). Botellones de cuerpo ovoide, cuello de paredes cóncavas o levemente convexas, base convexa. Dos rostros antropomorfos estilizados ubicados en posiciones opuestas sobre el cuello, diseñados sobre un medallón al pastillaje, en una diversidad de formatos. En el contorno superior del medallón, un reborde protuberante representa las cejas y la nariz; los ojos normalmente son protúberos circulares u ovalados, con las pupilas indicadas por medio de una incisión. La boca (o los dientes) está representada por incisiones que pueden ser circulares o alargadas verticalmente, en número de una o más, siendo tres la cantidad más recurrente; otras incisiones en forma de estrías parecen representar la barba. Dos protúberos verticales, ubicados en el cuello, en posiciones laterales a los rostros, cumplen la representación de orejas.

Se puede diferenciar tres variantes en este tipo: a) cuello de tendencia troncocónica invertida y tanto los protúberos oculares como su excisión central son alargados horizontalmente; b) cuello de tendencia cilíndrica levemente abultado asociado con ojos preferentemente circulares; c) cuello de tendencia troncocónica normal marcadamente abultado, algunos ejemplares con el borde labial levemente evertido, orejas más amplias y la base del cuerpo es menos convexa que en las variantes anteriores.

Tipo 22 (Figuras 3d-e). Vasijas cerradas de cuerpo moderadamente ovoidal, cuello de paredes rectas o cóncavas, borde acentuadamente evertido, base plana (algunas veces claramente diferenciada por proyección); algunos ejemplares presentan en el cuello dos asitas perforadas o sin perforar.

Tipo 23 (Figura 8). Botellas de cuerpo ovoide, base convexa, cuello subcilíndrico normalmente abultado, labio evertido. La representación del rostro ha perdido el medallón que se observaba en el Tipo 21, resta solo un moderado levantamiento horizontal en el lugar de las cejas (en algunos casos no existe). Los ojos ya no se presentan sobre protúberos y tanto estos como la boca están representados solo por incisiones circulares, dos para los ojos y dos o tres para la boca; dos amplios protúberos verticales situados lateralmente en el gollete asumen el rol de las orejas.

Tipo 24 (Figuras 3a-b). Cántaros con cuerpo de variado formato (elipsoidal, ovoidal o esferoidal), cuellos cilíndricos de paredes cóncavas y labio evertido, base plana o convexa, dos gruesas asas horizontales en la parte media-superior del cuerpo. Un subtipo se caracteriza por presentar cuello troncocónico invertido sin diferenciación del labio y base cónica (figuras 3c y 4h).

4 I ASOCIACIONES TIPOLOGICAS POR FASES

El entrecruzamiento de la información y de acuerdo a la alta frecuencia de determinados tipos así como la ausencia o baja presencia de otros, se logró la conformación de asociaciones tipológicas traducidas en cuatro conjuntos mayores que se identificaron con cuatro de las fases mayormente representativas de la secuencia de San Pedro de Atacama.

De acuerdo a la metodología señalada se obtuvo las siguientes asociaciones tipológicas por fases: 1) **Fase Toconao**: conformado preferentemente por los tipos 2, 4, 20, 22 y 24 y en menor proporción los tipos 5, 8, 9, 11 y 17 (Figuras 2 y 3); 2) **Fase Séquitor**: conformado preferentemente por los tipos 1, 7, 20 y 21 y en menor proporción los tipos 3, 8, 12, 13, 16, 18 y 24 (Figuras 4, 5 y 6); 3) **Fase Quitor**: conformado preferentemente por los tipos 3, 16, 18 y 23 y en menor proporción los tipos 1, 7, 12, 19, 20 y 24 (Figuras 7 y 8); 4) **Fase Coyo**: conformado preferentemente por los tipos 10 y 14 y en menor proporción 6 y 15 (Figura 9).

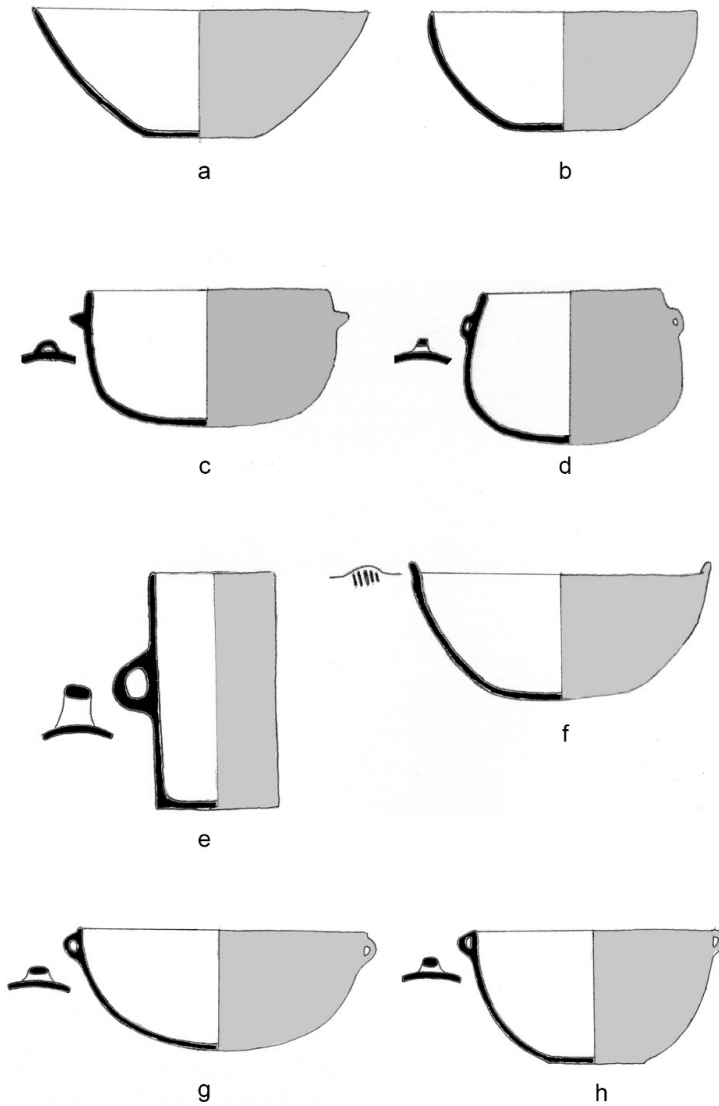


Figura 2. Alfarería representativa de la fase Toconao: (a y b) Tipo 9, (c y d) Tipo 17, (e) Tipo 2, (f) Tipo 12, (g y h) Tipo 8

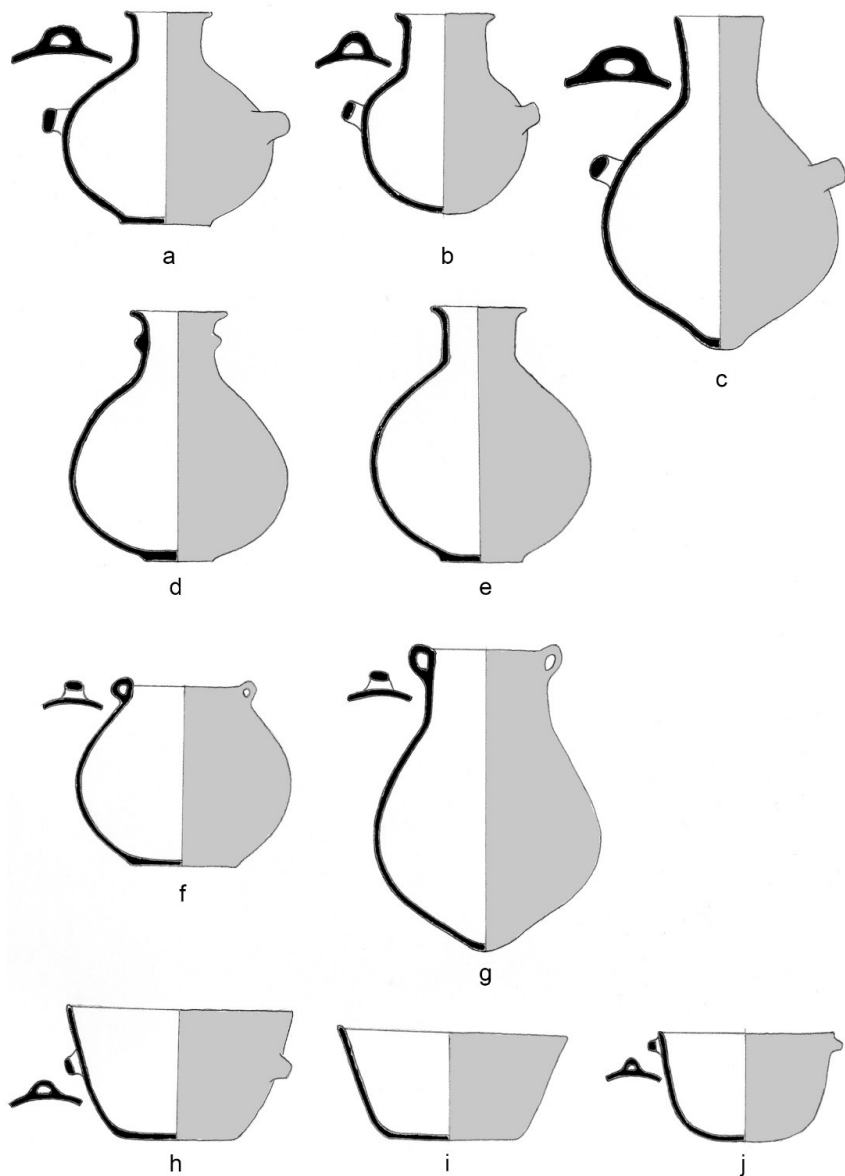


Figura 3. Alfarería representativa de la Fase Toconao: (a, b y c) Tipo 24, (d y e) Tipo 22, (f) Tipo 11, (g) Tipo 20, (h e i) Tipo 4, (j) Tipo 5

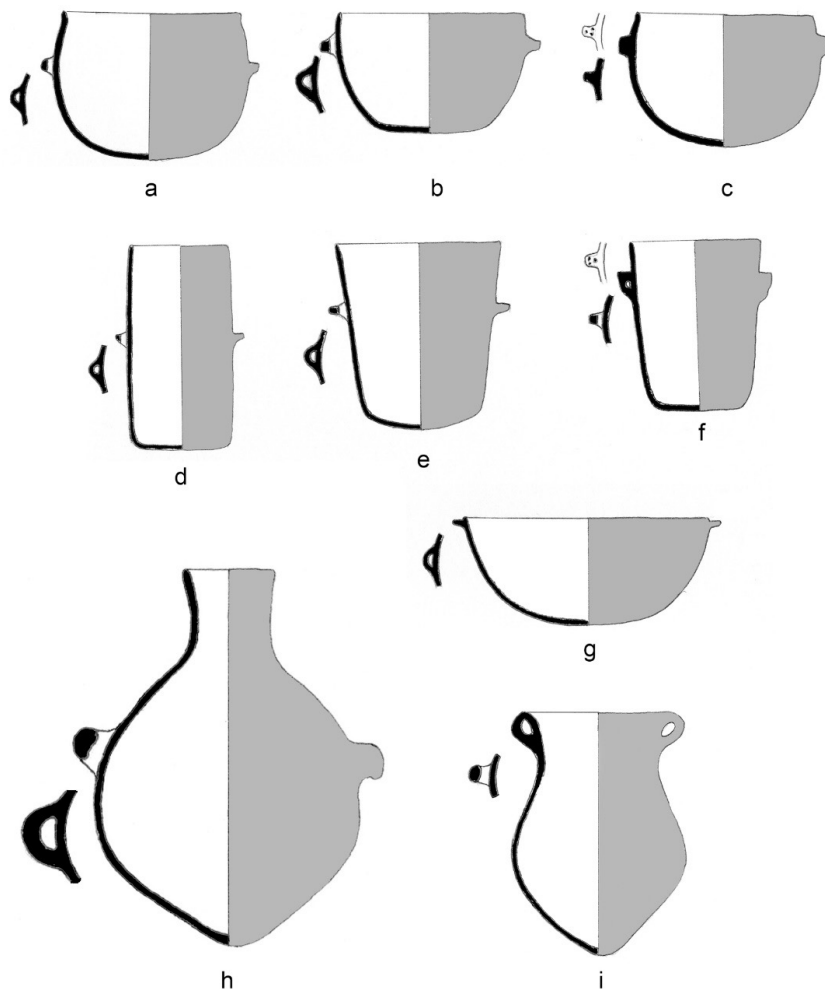


Figura 4. Alfarería representativa de la Fase Séquit: (a, b y c) Tipo 13, (d) Tipo 1, (e y f) Tipo 7, (h) Tipo 24, (i) Tipo 20

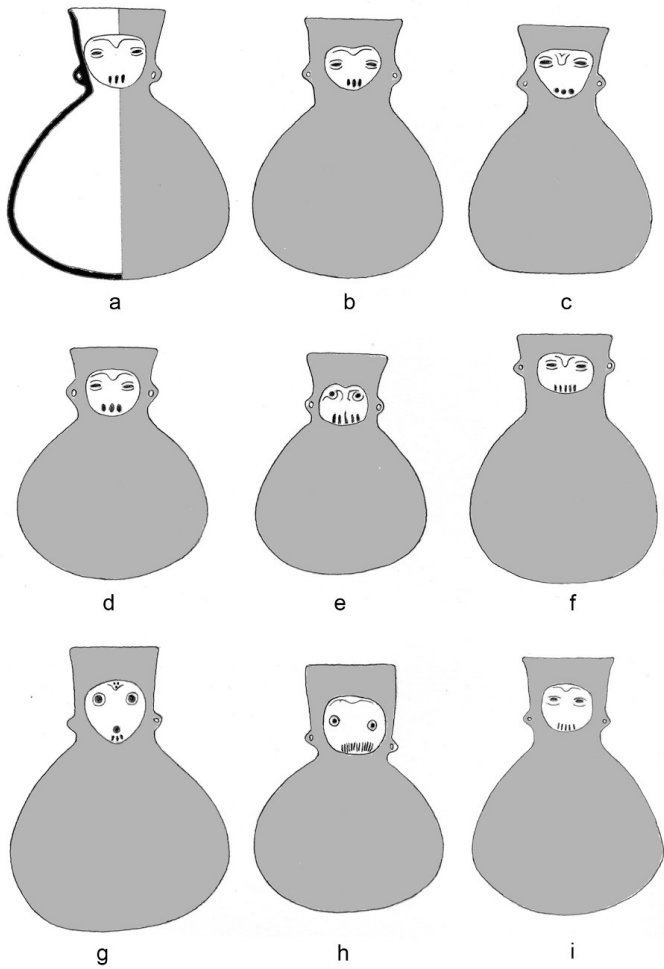


Figura 5. Alfarería representativa de la Fase Séquitor: botellones antropomorfos (Tipo 21), destacando la variedad de cuerpos, cuellos y representaciones faciales.

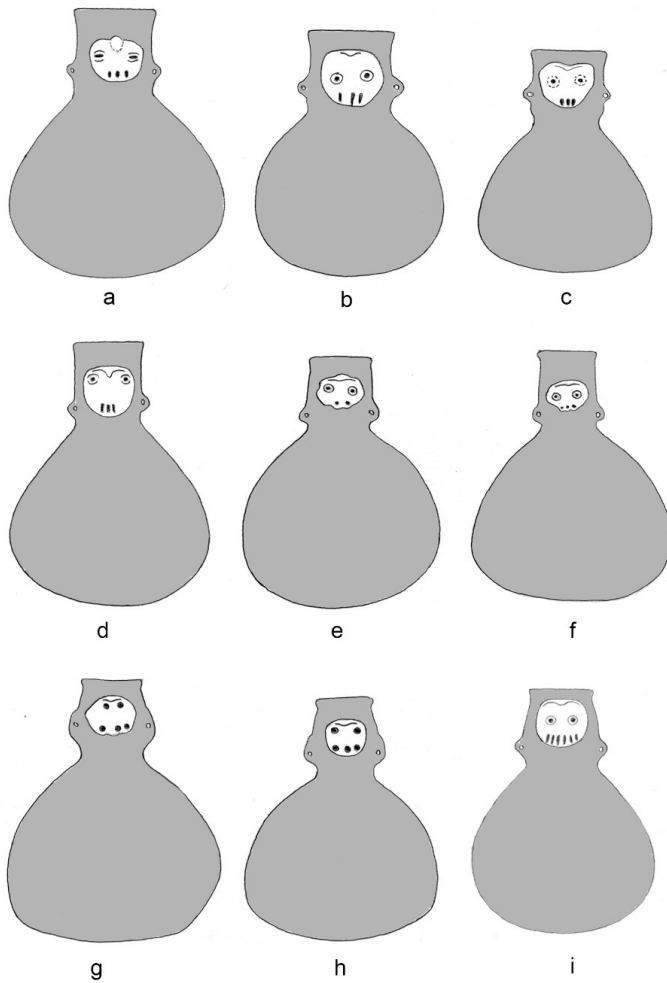


Figura 6. Alfarería representativa de la Fase Séquitor: botellones antropomorfos (Tipo 21), destacando la variedad de cuerpos, cuellos y de representaciones faciales

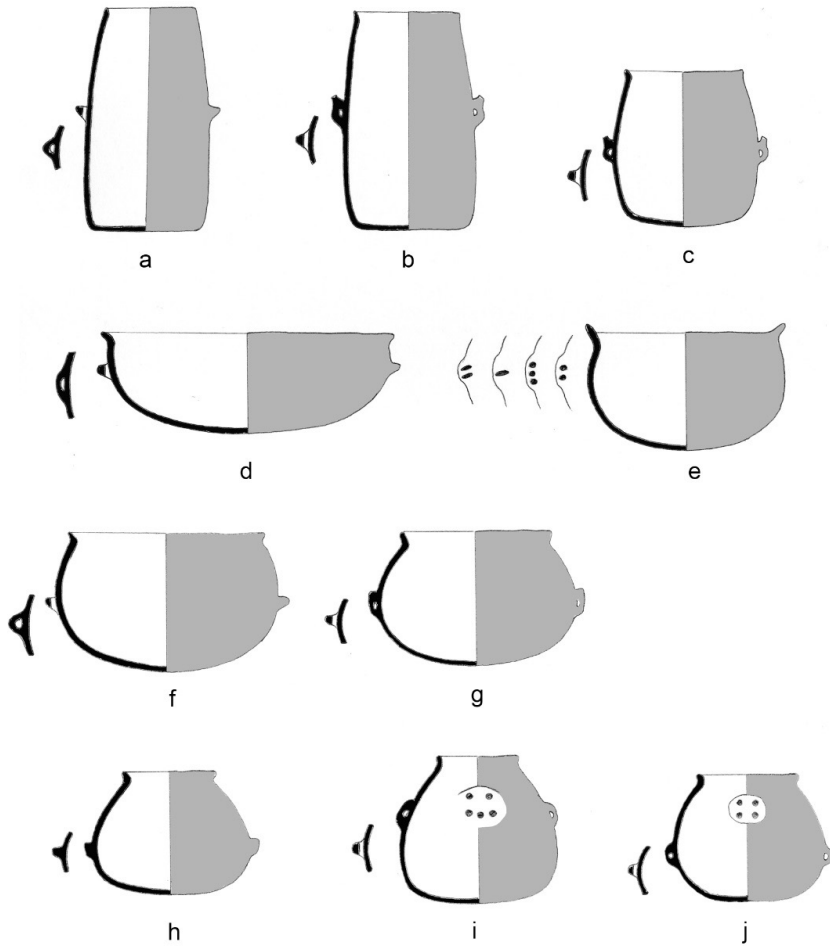


Figura 7. Alfarería representativa de la Fase Quitor: (a, b y c) Tipo 3, (d) Tipo 16, (e) Tipo 12, (f, g) Tipo 18, (h, i, j) Tipo 19

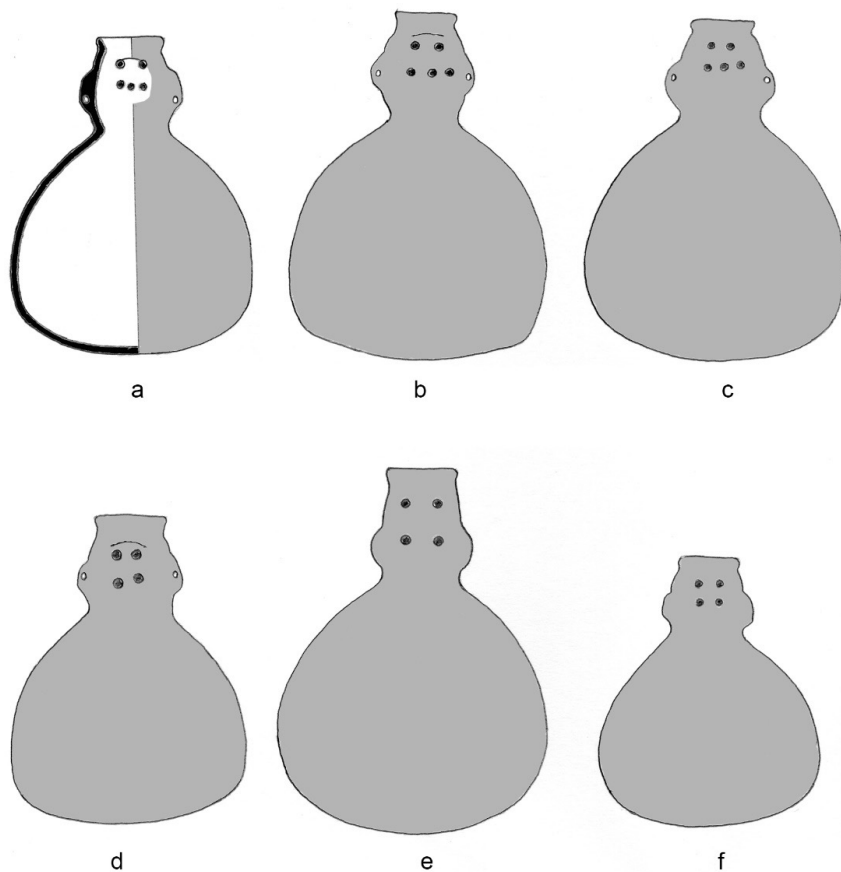


Figura 8. Alfarería representativa de la fase Quito: botellones antropomorfos (Tipo 23)

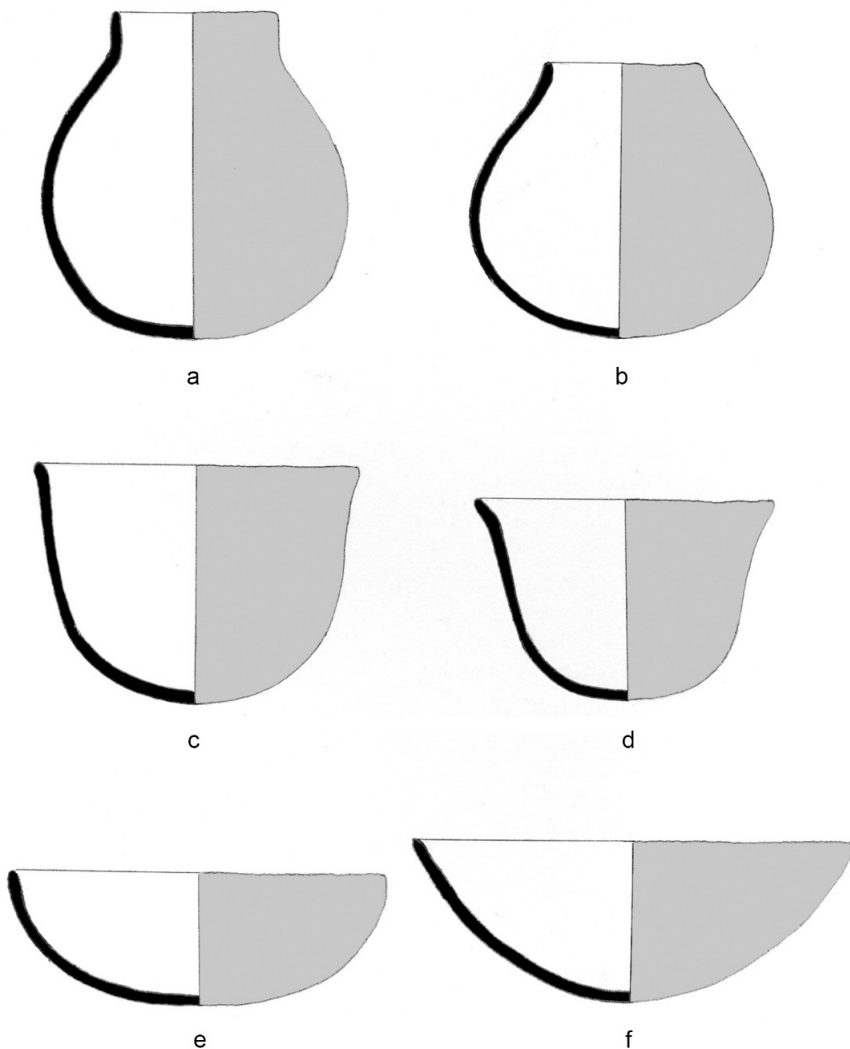


Figura 9. Alfarería representativa de la fase Coyo: (a) Tipo 15, (b) Tipo 14, (c y d) Tipo 6, (e y f) Tipo 10

Algunos de los tipos alfareros son exclusivos de determinadas fases pero otros se hacen presentes en más de una de ellas, manifestando cierta transversalidad pero también modulaciones, de tal manera que muestran un mayor predominio en alguna fase. Esto permite apreciar la génesis y la evolución de los tipos desde el momento de su emergencia hasta su posicionamiento y luego declinación, reflejando situaciones de cambio y continuidad.

REFERENCIAS

BERENQUER, J.; DEZA, A.; ROMÁN, A.; LLAGOSTERA, A. **La secuencia de Myriam Tarragó para San Pedro de Atacama: Un test por termoluminiscencia.** Revista Chilena de Antropología, Santiago, n. 5, p. 17-54, 1986.

LE PAIGE, G. **La antigüedad de una tumba comprobada por carbono 14 y el ambiente que lo rodea.** Revista de la Universidad Católica, Santiago, Año XLVIII, p. 167-176. 1963.

LE PAIGE, G. **Los cementerios de la Epoca Agroalfarero de San Pedro de Atacama.** Anales de la Universidad del Norte, Antofagasta, n. 3, p. 51-91, 1964.

LE PAIGE, G. 1965. **San Pedro de Atacama y su zona (14 temas).** Anales de la Universidad del Norte, Antofagasta, n. 4. 1965.

LLAGOSTERA, A. **Toconao Oriente: referente en la periodificación agroalfarera de San Pedro de Atacama.** Estudios Atacameños, San Pedro de Atacama, n. 53, p. 11-32, 2016.

LLAGOSTERA, A.; COSTA-JUNQUEIRA, M. A. **Coyo Oriente. Referente del Período Medio en San Pedro de Atacama.** Estudios Atacameños, San Pedro de Atacama, n. 64, p. 199-220, 2020.

ORELLANA, M. **Problemas de la arqueología de San Pedro de Atacama y sus alrededores.** Anales de la Universidad del Norte, Antofagasta, n. 2, p. 29-39. 1963.

TARRAGÓ, M. **Secuencias culturales de la época Agroalfarera de San Pedro de Atacama (Chile).** Actas y Memorias del XXXVII Congreso Internacional de Americanistas, Buenos Aires, v. 2, p. 119-145, 1968.

TARRAGÓ, M. **Alfarería típica de San Pedro de Atacama (norte de Chile).** Estudios Atacameños, San Pedro de Atacama, n. 4, p. 37-73, 1976.

TARRAGÓ, M. **Contribución al conocimiento arqueológico de las poblaciones de los oasis de San Pedro de Atacama en relación con los otros pueblos puneños, en especial, el sector septentrional del Valle Calchaquí.** 686 p, Tesis para optar al título de Doctor en Historia, Especialidad Antropología. Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario, 1989.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actividad cultural 55

Alteración 1, 35

Aridez 15

Arqueólogos 1, 11, 14, 15, 51, 62

Atacama 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 41, 43, 47, 48, 49, 50

Atmósfera 8

B

Brillante 7

Bronce 3, 4, 5, 6

C

Cazadores-recolectores marinos 32, 49

Cerámica 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 35, 41, 56, 57, 59, 60, 61, 62

Conglomerados 57, 58

Contexto espacial 55, 60

Costa del Desierto de Atacama 32

Cronología 18, 39, 57

Cultura 2, 3, 4, 6, 7, 10, 12, 35, 47, 55, 64

D

Diferenciación social 51, 52, 54, 59, 61

Diversidad 14, 19, 21, 35, 44, 56, 61

E

Exploración 56

F

Fibras vegetales 35

Fundición 3, 4, 5, 6

H

Históricas 34

I

Intercambio 2, 32, 46, 48

M

Manufacturas 33, 34, 46, 49
Matriz 14, 15, 19, 59, 60
Metales 1, 4, 7, 8, 9, 10, 11
Metalurgia 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12, 35
Milenio 50, 51, 52

N

Norte de Chile 14, 15, 16, 32, 49, 50

P

Periodificación cultural 14
Prehistoria 14, 50
Profundidad 2, 20

R

Relaciones 33, 36, 37, 46, 47, 48, 51, 53, 56, 59, 60, 61
Retroalimentación 2
Río Loa 32, 34, 36, 44, 48

S

Secuencia 14, 15, 16, 17, 18, 22, 31, 48, 49
Sensibilidad 15
Solo 1, 2, 7, 11, 17, 19, 22, 44, 45, 47, 49, 59

T

Tecnología 1, 2, 3, 4, 7, 11, 34, 61
Textiles 1, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50
Tierra 2, 3, 49
Tipológicos 51, 52, 53, 59
Tradicición 18

V

Valor social 1, 3
Vista tradicionales 53

Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Metodológicas de Pesquisa

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Methodológicos de Pesquisa

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 